



# Gênero, história e literatura

Nícolas de Oliveira Braga  
Anna Ortiz Borges Coelho  
Lívia do Amaral e Silva Linck  
Jéssica Veleda Quevedo  
Orgs.



Editora Fundação Fênix



Editora Fundação Fênix



**Gênero, história e literatura**

# **Série Filosofia**

## **Conselho Editorial**

---

### **Editor**

Agemir Bavaresco

### **Conselho Científico**

Agemir Bavaresco – Evandro Pontel  
Jair Inácio Tauchen – Nuno Pereira Castanheira

## **Conselho Editorial**

Augusto Jobim do Amaral  
Cleide Calgaro  
Draiton Gonzaga de Souza  
Evandro Pontel  
Everton Miguel Maciel  
Fabián Ludueña Romandini  
Fabio Caprio Leite de Castro  
Fabio Caires Correia  
Gabriela Lafeté  
Ingo Wolfgang Sarlet  
Isis Hochmann de Freitas  
Jardel de Carvalho Costa  
Jair Inácio Tauchen  
Jozivan Guedes  
Lenno Francisco Danner

Lucio Alvaro Marques  
Nelson Costa Fossatti  
Norman Roland Madarasz  
Nuno Pereira Castanheira  
Nythamar de Oliveira  
Orci Paulino Bretanha Teixeira  
Oneide Perius  
Raimundo Rajobac  
Renata Guadagnin  
Ricardo Timm de Souza  
Rosana Pizzatto  
Rosalvo Schütz  
Rosemary Sadami Arai Shinkai  
Sandro Chignola  
Thadeu Weber

**Nícolas de Oliveira Braga  
Anna Ortiz Borges Coelho  
Lívia do Amaral e Silva Linck  
Jéssica Veleda Quevedo  
Organizadores**

**Gênero, história e literatura**



**Editora Fundação Fênix**

**Porto Alegre, 2024**

Direção editorial: Agemir Bavaresco  
Diagramação: Editora Fundação Fênix  
Capa: Editora Fundação Fênix

O padrão ortográfico, o sistema de citações, as referências bibliográficas, o conteúdo e a revisão de cada capítulo são de inteira responsabilidade de seu respectivo autor.

Todas as obras publicadas pela Editora Fundação Fênix estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 –  
[Http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)

Obra editada com apoio: CAPES/PROEX - Auxílio N° 1325/2023, Processo N° 88881.845000/2023-01



*Série Filosofia – 148*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Gênero, história e literatura [livro eletrônico] /  
organização Nicolas de Oliveira Braga...[et  
al.]. -- Porto Alegre, RS : Editora Fundação  
Fênix, 2024. -- (Série filosofia ; 148)  
PDF

Vários autores.

Outros organizadores: Anna Ortiz Borges Coelho,  
Lívia do Amaral e Silva Linck, Jéssica Veleda  
Quevedo.

ISBN 978-65-5460-158-0

1. Arte - Filosofia 2. Desigualdade social  
3. Filosofia e literatura 4. Gênero e sexualidade  
5. Literatura I. Braga, Nicolas de Oliveira.  
II. Coelho, Anna Ortiz Borges. III. Linck, Lívia  
do Amaral e Silva. IV. Quevedo, Jéssica Veleda.  
V. Série.

24-213755

CDD-100

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Filosofia 100

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

DOI – <https://doi.org/10.36592/9786554601580>

# 17. O INQUIETANTE HOSPEDADO ENTRE NÓS: NOTAS SOBRE PAIXÃO SEGUNDO G.H., HOSPITALIDADE E O UNHEIMLICH FREUDIANO



<https://doi.org/10.36592/9786554601580-17>

Marcos Antônio Ferreira

## Resumo

Este artigo procura realizar uma interpretação da obra *Paixão segundo G.H.* (1964), da escritora Clarice Lispector, tendo como horizonte de discussão a hospitalidade como conceito necessário às discussões sobre relações internas e do lar, e externas e políticas. Essa discussão terá como fio condutor o *Unheimlich* freudiano. Aqui, ele surge como suporte e porta de entrada a discussões acerca de questões identitárias, abrangendo raça, nacionalidade e construção de subjetividades. Palavras chave: O inquietante, literatura e filosofia, psicanálise.

## Abstract

The aim of this essay is to build an interpretation of *Passion according to G.H.* (1964), by the Ukrainian-Brazilian writer Clarice Lispector, having hospitality as our horizon for the discussions that follow. Discussions concerning the personal/home aspects, but also the external and political side of the discussions. This analysis has the Freudian concept of the *Unheimlich* as the conductor for the debates on identity questions, which range from race, nationality and the construction of subjectivities. Keywords: Das Unheimliche, Literature and Philosophy, Psychoanalysis.

## 1. Introdução

A presente pesquisa tem por objetivo realizar uma interpretação da obra *Paixão segundo G.H.* (1964) da escritora Clarice Lispector, tendo como ideias norteadoras o conceito de *Unheimlich*, introduzido na psicanálise em 1919 por Sigmund Freud e a ideia de Inospitalidade, polo oposto a hospitalidade. Buscaremos investigar como essas duas ideias podem ser compreendidas a partir da literatura, transitando entre a filosofia e a psicanálise.

Esse termo, *Unheimlich*, possui uma rica gama de traduções como, por exemplo: o inquietante, infamiliar, estranho, estrangeiro, horripilante, etc. Freud, durante suas pesquisas acerca da palavra-sensação, busca em diversas línguas alguma palavra que evoque sentimento parecido, muito apropriadamente aos nossos

propósitos, uma dessas palavras é: *locus suspectus*. Mais adiante iremos abordá-la naquilo que nos diz respeito. Iremos, aqui, nos servir também das ideias de hospitalidade e inospitalidade, pensadas a partir de uma correlação com esse inquietante, com esse *locus suspectus*.

A escolha da obra de Clarice Lispector, citada acima, se dá na análise de cenas em que a personagem G.H. encontra-se dentro do quarto recém-desabitado pela empregada (o outro), a qual a primeira vê como inferior, como diferente dela. A partir dessa relação, ou melhor, dessa falta de relação, buscaremos tensionar brevemente aspectos que regulavam essa não-relação entre as duas mulheres e que foi, em parte, a origem desse mal-estar dentro do lar.

As riquezas interpretativas dadas pelo *Unheimlich* nos possibilitam aprofundar nossa forma de pensar essa alienação no lar, sentindo-o como um local perigoso, estranho e ameaçador. Instigada pelo encontro com algo que se julga ameaçador, como estrangeiro, isto é, como outro que não me é comum, familiar, daí, compreensível. Chamamos de "algo" e não de "objeto", de modo a frisar o caráter de difícil apreensão do infamiliar.

Essa ponte que gostaríamos de construir entre o *Unheimlich* e a ideia de hospitalidade/inospitalidade se dá no caráter ameaçador do outro a quem se hospeda. Clarice Lispector materializa essa ameaça na imagem da empregada. Porém, essa imagem da empregada como uma ameaça é uma interpretação realizada pelo viés de G.H. em sua suposta superioridade. Ela não aceitava a outra como um ser humano igual a ela, mas a tolerava em sua diferença constitucional, ela pertencia a uma classe social distinta, a empregada pertencia ao *bas-fond*<sup>1</sup> dos fundos de sua casa. Elas vinham de lugares diferentes, com educação e costumes distintos. O horror de G.H. está em perceber que nada disso garante a ela sua humanidade. Sendo assim, essa obra nos permite realizar discussões que perpassam desde as relações intersubjetivas, ao pertencimento em determinados espaços e à subjetividade.

---

<sup>1</sup> Local de moradia de grupos marginais, de outsiders, da plebe.

## 2. O espaço de G.H. e a construção de uma subjetividade

Somos apresentados em *Paixão segundo G.H.* (1964) a pequena odisseia enfrentada pela personagem G.H., uma mulher de classe média do Rio de Janeiro. A premissa básica dessa "odisseia" gira em torno da decisão de G.H. em limpar o quarto da antiga empregada que, segundo ela, deve estar no puro caos. Na visão elitista da personagem, uma empregada é, irrevogavelmente, alguém "menor" ou menos importante que ela, seu descuido com o quarto já era esperado.

No entanto, para a surpresa dela, o quarto da empregada se encontra impecavelmente limpo e organizado, porém, após melhor inspeção, ela se depara com algo que a desestabiliza, a tira momentaneamente de seus eixos: o desenho da silhueta de uma mulher, um homem e um cachorro. Essas silhuetas são quase arcaicas naquilo que representam: o ódio que a empregada nutria por G.H... Essa é a interpretação a que ela chega. Esse sentimento é suficientemente impactante para a personagem, pois ela não está acostumada com o julgamento de alguém que não pertence ao mesmo meio que ela, o ódio de alguém inferior é algo novo.

Tal ódio é o suficiente para lançar G.H. em busca de muito mais que a sujeira e a desorganização de um quarto de sua casa: ela é levada a ficar frente a frente com o seu próprio caos, sua própria desorganização como indivíduo. Isso é algo com o qual Lispector busca lidar fazendo com que o próprio leitor fique confuso quanto a confusão da personagem, deve-se ler a história de G.H. como se lêssemos nossa própria história, nossa própria desorganização como indivíduos.

Tudo aquilo que ela considerava constitutivo da pessoa que ela era, tudo que lhe era conhecido e próprio, agora é visto como infamiliar e alienígena. A partir desse encontro a personagem tem a possibilidade de se questionar sobre sua identidade individual, e seu reconhecimento dentro de uma classe social-racial determinada. Clarice escreve:

Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar mas que fazia de mim um tripé estável. Essa terceira perna eu perdi. E voltei a ser uma pessoa que nunca fui. Voltei a ter o que nunca tive: apenas as duas pernas. Sei

que somente com duas pernas é que posso caminhar. Mas a ausência inútil da terceira me faz falta e me assusta, era ela que fazia de mim uma coisa encontrável por mim mesma, e sem sequer precisar me procurar (Lispector, 2020, ebook kindle).

Essa perda não é física, mas é sentida também no corpo. Ela se manifesta como fantasma e como falta, isto é, ela deixa um espaço que não se preenche com nada mais. Aqui pode-se reconhecer uma castração aos moldes freudianos. Esse objeto que um dia me foi tão íntimo, mas que se perdeu, e com o qual buscamos nos reconectar, seja mediante sintomas diversos, de repetições incessantes como vício em drogas ou sexo, seja através da repetição de ações ou palavras. Essa ideia nos possibilita uma porta de entrada para uma questão: porque apenas agora G.H. sentiu-se angustiada com sua castração, com sua perda? Talvez esse encontro incite na personagem de Lispector uma situação de perigo onde o outro é uma ameaça àquilo que é manifestamente o Eu. Sigmund Freud escreve que o “Eu foi preparado para a castração por repetidas perdas de objetos, adquirimos uma nova concepção da angústia. Até aqui nós a enxergamos como sinal afetivo do perigo, mas agora, tratando-se tão frequentemente do perigo da castração, ela nos parece constituir a reação a uma perda, a uma separação” (Freud, 2014, p. 70).

O local que G.H. habita lhe confere certa segurança, a estabiliza e a aliena daquilo que ela perdeu, mas que não sabe o que é, aquilo que causa sua angústia e sua vontade de saber são os mesmos motores que irão colocar em movimento sua tentativa de conhecer a si mesma como sujeito, sua tentativa de subjetivação. Pensar a angústia como ponto de encontro com a falta possibilita uma abertura de construção que esse local de segurança e familiaridade não permitiam a G.H. O Eu então se vê em uma posição nova, onde deve, por um lado, evitar o perigo, e, por outro lado, tentar conciliar esse medo via sintomas. Aproximando e afastando o eu do objeto que foi mal recalçado e que retorna de diferentes formas.

Tal conteúdo manifesto na obra é capaz de gerar prazer profundo e possíveis reivindicações da angústia como um afeto que não é, em si, algo ruim, mas algo que se pode utilizar como ferramenta para o conhecimento de si. Tanto para o escritor quanto ao leitor, como aponta Freud: “a partir da irrealidade do mundo poético, se seguem importantes consequências para a técnica artística, pois muitas coisas que

não poderiam causar gozo como reais podem fazê-lo no jogo da fantasia e muitas moções que em si são desagradáveis podem se tornar para o ouvinte ou espectador do poeta fonte de prazer" (Freud, 2020, p. 54-55).

Temos então um ponto a tencionar: o constituir-se sujeito necessita, integralmente, do encontro com um outro. Não é possível haver subjetivação sem reconhecimento, e nessa veia, se esse reconhecimento é condicionado a apenas um reconhecimento com base em raça, sexualidade ou religião, limitamos o campo de encontro com o humano, pois, esse não se sustenta em uma falsa igualdade positiva, mas em uma igualdade negativa, com aqueles que nos são, de algum modo, diferentes.

Esse fazer sujeito e, assim, um fazer erótico (Eros). Nele se encontra a necessidade do amor e do trabalho diário para se manter uma contínua noção de mudança, que possa, ao fim, transformar o ser mesmo do sujeito, como observou Michel Foucault em sua *Hermenêutica do sujeito* (1982).

Fanny Blanck Cereijido, em seu artigo, *O olhar sobre estrangeiro* escreve que

O outro, o semelhante, é o primeiro objeto de satisfação, o primeiro hostil e a única força auxiliar. É o que afirma Freud (1950/1982) em *Proyecto*, assinalando que a única possibilidade de vida para o novo sujeito é a partir de um outro, anterior e externo a ele, que deve amá-lo e investir nele para que possa se tornar sujeito. Essa necessidade do outro, para a vida e para a constituição de cada sujeito, cria o amor e também o ódio. O amor, a partir da satisfação, e o ódio, a partir da frustração, da rivalidade e do desencontro (Cereijido, 2008, p. 61).

Essa relação entre amor e ódio como encontro e desencontro, ou mesmo entre o igual e o diferente são objeto comum as reflexões de filósofos como, por exemplo, Simone Weil em sua leitura acerca do colonialismo e as marcas que este deixam nos povos colonizados (série de textos publicados em *Contra o colonialismo*); outro exemplo, este mais recente, e o de Byung-Chul Han, com textos como *Agonia do Eros* (2012) e *A expulsão do outro* (2022), abordando, através da perda dessa vontade erótica de vida e do afastamento daqueles que são diferentes as formas como, na atualidade, a vida se tornou cada vez mais mercantilizada, graças a um capitalismo cada vez mais agressivo.

Podemos reconhecer que um dos pontos que iram convergir nessa noção do outro como ameaça trata-se de uma questão de conhecimento-reconhecimento entre sujeitos distintos, podendo abraçar a diferença que os caracteriza. Assim como o cuidado do outro faz parte de um amplo movimento de cuidado de si, o conhecimento de si também aborda um conhecimento do outro, pelo menos até certo ponto. Não como um conhecimento prático, da experiência de ser outro que não eu, mas como conhecimento das inúmeras possibilidades de ser no mundo. Assim também nos aponta Cereijido em seu artigo, apontando esse caráter epistemológico como responsável por "conhecer e reconhecer a alteridade, operação que é possível apenas superando os dois eixos anteriores (de amor-ódio e domínio ou submissão)" (Cerejeido, 2008, p. 62).

Clarice Lispector, por sua vez, retornou a empregada como essa figura emblemática do encontro e desencontro, do qual não conhecemos a verdade em sua crônica *Por trás da devoção*, onde escreve:

Por falar em empregadas, em relação às quais sempre me senti culpada e exploradora, piorei muito depois que assisti à peça *As criadas*, dirigida pelo ótimo Martim Gonçalves. Fiquei toda alterada. Vi como as empregadas se sentem por dentro, vi como a devoção que às vezes recebemos delas é cheia de um ódio mortal. Em *As criadas*, de Jean Genet, as duas sabem que a patroa tem de morrer. Mas a escravidão aos donos é arcaica demais para poder ser vencida. E, em vez de envenenar a terrível patroa, uma delas toma o veneno que lhe destinava, e a outra criada dedica o resto da vida a sofrer. Às vezes o ódio não é declarado, toma exatamente a forma de uma devoção e de uma humildade especiais (Lispector, 2020, e-book kindle).

*Por detrás da devoção* foi publicado na coletânea *A descoberta do mundo* (1984), contendo crônicas escritas entre 1967 e 1973, enquanto que *A paixão segundo G.H.* foi publicado em 1964, isso demonstra como questões de alteridade já vinham ocupando a mente de Clarice Lispector a algum tempo e se materializam através de sua escrita.

Gostaríamos de apontar uma relação que nos parece ser ainda mais essencial e de maior valor para uma interpretação psicanalítica dessa obra: *O Unheimlich*

(texto publicado em 1919). Através dessa inquisição, podemos avançar nos desdobramentos decorrentes da castração e a falta que esta deixa.

### 3. O Unheimlich

Conforme o texto de Sigmund Freud, o *Unheimlich* é uma ideia difícil de ser traduzida e exige do indivíduo uma certa sensibilidade para lhe aperceber como uma sensação na vida objetiva. Freud aponta a literatura como o terreno de maior fertilidade para a compreensão desse conceito, citando E.T.A Hoffman como mestre em levantar essa sensação a partir de suas obras, principalmente em *O homem de areia* (1817).

Algumas das muitas traduções dadas ao *Unheimlich* são: O inquietante, o horripilante, o estranho, o estrangeiro ou o infamiliar. Devemos nos ater aqui a característica angustiante dessa sensação, ela atravessa o sujeito com incertezas. Em sua origem, segundo Freud, esse "estranho" ou "infamiliar" nos foi um dia, pelo contrário, familiar e próximo, porém este foi perdido, recalçado. O encontro com um objeto estranho é o suficiente para suscitar fortes reações, uma delas, a própria paralisação das funções do corpo, é aqui que gostaríamos de trazer G.H.

Após o choque inicial da personagem, avistando essas figuras que representam o ódio e a ameaçam dentro de sua própria casa, G.H. se torna uma estranha dentro de sua própria casa. Essa propriedade, que deveria ser seu ponto de segurança, é agora um local aquém de tudo que ela achava conhecer e, mais ainda, um local (o quarto) que ameaça a tranquilidade dessa mulher de classe média. Uma ameaça a sua ignorância, a tudo aquilo que ela ignorava não conhecer, nominalmente, sua condição humana, e nisso, sua condição de igualdade com a empregada. Ao apontar essa alienação de G.H., gostaríamos de listar as ideias de hospitalidade e de inospitalidade. Essa inospitalidade como sendo gerada pelas incertezas causadas pelo *Unheimlich*, por esse objeto estrangeiro dentro do lar.

É que apesar de já ter entrado no quarto, eu parecia ter entrado em nada. Mesmo dentro dele, eu continuava de algum modo do lado de fora. Como se ele não tivesse bastante

profundidade para me caber e deixasse pedaços meus no corredor, na maior repulsão de que eu já fora vítima: eu não cabia (Lispector, 2020, ebook kindle)

Como apontamos anteriormente, o *Unheimlich* tem uma ligação estreita com a castração, com o conteúdo que foi reprimido e que agora retorna como objeto de espanto e horror. Esse retorno é o que se manifesta na infamiliaridade do *Unheimlich*, Sigmund Freud aponta que:

Primeiro, se a teoria psicanalítica está correta ao dizer que todo afeto de um impulso emocional, não importando sua espécie, é transformado em angústia pela repressão, tem de haver um grupo, entre os casos angustiantes, em que se pode mostrar que o elemento angustiante é algo reprimido que retorna. Tal espécie de coisa angustiante seria justamente o inquietante, e nisso não deve importar se originalmente era ele próprio angustiante ou carregado de outro afeto. Segundo, se tal for realmente a natureza secreta do inquietante, compreendemos que o uso da linguagem faça o heimlich converter-se no seu oposto, o unheimlich, pois esse unheimlich não é realmente algo novo ou alheio, mas algo há muito familiar à psique, que apenas mediante o processo da repressão alheou-se dela. O vínculo com a repressão também nos esclarece agora a definição de Schelling, segundo a qual o inquietante é algo que deveria permanecer oculto, mas apareceu (Freud, 2010, p. 359-360).

Se esse conteúdo retorna deixa claro que a repressão foi mal sucedida e deixou escapar às bordas aquilo que irá se manifestar mediante sintomas, levando o sujeito as idas e vindas com a angústia, ora próximo, ora distante, ora opressora e limitante. Um dos objetos que causa a confusão responsável pela sensação trazida pelo infamiliar é a presença de um *doppelgänger*, um duplo, um outro que muito se assemelha a mim ou a outra pessoa, mas onde algo falta. Clarice tem esse encontro ao se deparar com as figuras no quarto da empregada, aquilo que esse duplo anuncia é justamente a falta de subjetividade e conteúdo de G.H., ela traz apenas contornos, o exterior.

As riquezas interpretativas dadas pelo *Unheimlich* nos possibilitam aprofundar nossa forma de pensar essa alienação no lar, instigada pelo encontro com um algo sentido como ameaçador, como estrangeiro, isto é, como outro que não

me é comum, familiar, daí, compreensível. Chamamos de "algo" e não de "objeto", de modo a frisar o caráter de difícil apreensão daquilo que chamamos de inquietante.

Assim sendo, a casa é uma entidade que não reconhece G.H. como moradora, como familiar, ela é, agora, estrangeira dentro do seu próprio lar. O conceito de hospitalidade nos dará ricas interpretações, desde influências sociais até mesmo influências religiosas. Assim como o *Unheimlich*, a hospitalidade, quando dentro da literatura (de ficção, poética ou dos escritos bíblicos), possibilita-nos uma melhor compreensão de suas causas e efeitos. Boudou reforça ainda mais essa analogia entre a casa do sujeito e o hóspede: "A analogia da casa na hospitalidade traz conotações de limites domésticos e fronteiras nacionais" (Tradução própria).<sup>2</sup>

Muito apropriadamente, Jacques Lacan aborda em seu seminário 10, a angústia, a questão do *Unheimlich* como porta de abertura para se poder pensar a angústia. O psicanalista francês em suas elucubrações iniciais acerca do tema, aponta como a casa é aquilo que se encontra como espaço de ausência da subjetividade, onde o sujeito aparece em sua condição não autônoma de objeto, quando pensada como não somente em relação ao Outro, mas no grande Outro. Como espaço determinado dentro dessa organização que está constantemente em combate com o desejo do sujeito. Diz ele, acerca da palavra *Heim*, no alemão: "Digamos que, se a sua palavra tem algum sentido na experiência humana, é o da casa do homem. Deem a palavra "casa" todas as ressonâncias que quiserem, inclusive astrológicas. O homem encontra sua casa num ponto situado no Outro para além da imagem de que somos feitos" (Lacan, 2005, p. 58).

A partir dessa perspectiva lacaniana, podemos pensar uma das palavras ao qual Freud chega em sua busca em dicionários daquilo que possa constituir uma sensação como aquele que traz o *Unheimlich*: o *locus suspectus*.

O *locus suspectus*, como indica seu nome, concerne a um local ou posição onde a atmosfera se mostra suspeita, sinistra, *erie*, *odd*, fantasmagórica ou estranha. Esta, se pensarmos bem, envolve o sujeito em um determinado local e uma determinada sensação. Três fatores que, de algum modo, se conectam dentro de uma articulação maior: a do desejo do Outro. Daí a formulação lacaniana do

---

<sup>2</sup> "Hospitality's home analogy conates domestic boundaries and national borders" (Boudou, 2021, p. 86).

*Unheimlich* como ponto de abertura para entendimento da angústia. A partir do momento que o grande Outro exige algo de mim, entramos em uma batalha de *pull and push*, um vai e vem, onde o desejo de um é recebido com a demanda por um pedido, que por si irá resultar em confusão, pois, como apontou Lacan no neurótico, o sujeito não está disposto a dar, diz ele: "O verdadeiro objeto buscado pelo neurótico é uma demanda que ele quer que lhe seja feita. Ele quer que lhes façam súplicas. A única coisa que não quer é pagar o preço" (Lacan, 2005, p. 62).

Seria possível conceber que o desejo do outro e a demanda do neurótico seja de uma descoberta de si ou conhecimento de si, que por sua própria estrutura angustiada, se torna uma tarefa hercúlea que não se deseja aceitar? Talvez por não saber como enfrentar.

A indeterminação do desejo do grande Outro, que oprime e que exige constantemente do sujeito uma resposta a esse desejo é o que implica todo o corpo em uma angústia própria do lar, da casa. Poderíamos até mesmo pensar no *Unheimlich* como uma manifestação da ausência de subjetividade, refletida em um estranhamento entre o sujeito e o lar.

A ponte que gostaríamos de construir entre o *Unheimlich* e a ideia de hospitalidade se dá no caráter ameaçador do outro a quem se hospeda. Clarice Lispector materializa essa ameaça na imagem da empregada. Porém, essa imagem da empregada como uma ameaça é uma interpretação realizada pelo viés de G.H. em sua suposta superioridade, ela não aceitava aquela como um ser humano igual a ela, mas a tolerava em sua diferença constitucional, ela pertencia a uma classe social distinta, a empregada pertencia ao *bas-fond*<sup>3</sup> de sua casa. Elas vinham de lugares diferentes, com educação e costumes distintos. O horror de G.H. está em perceber que nada disso garante a ela sua humanidade, e que a sua subjetividade havia sido construída sob bases tão instáveis.

Benjamin Boudou em *Politique de l'hospitalité: Une généalogie conceptuelle* (2017) aponta como, na história da hospitalidade, as noções de inimigo, hospedeiro e estrangeiro se emaranham:

---

<sup>3</sup> Local de moradia de grupos marginais, de outsiders, da plebe.

A antiga indistinção entre inimigo, hóspede e o estrangeiro tem, certamente, um fundamento antropológico largamente compartilhado. A alteridade do estrangeiro é uma fonte de inquietação que põe em questão a identidade da comunidade, como foi dito no capítulo anterior (Tradução própria).<sup>4</sup>

Se tomarmos em nossas mãos algumas das possibilidades dadas pela língua francesa e traduzirmos *étranger* tanto como estrangeiro quanto como estranho, podemos perceber como essa conotação do outro como objeto de *inquiétude* (ou *anxiety* como normalmente é traduzido para o inglês) e a ideia de hospitalidade carregam, antropológicamente, uma relação que pode ser explicitada pela noção de *Unheimlich*, ou pelo menos uma parte dela. O hóspede-estrangeiro-estranho figurado como a ameaça do *doppelganger*.

No contexto da obra que estamos a analisar, podemos pensar as relações de classe e raça que entram em embate e que tem, por séculos, sido condicionadas por fatores diversos. A relação entre uma mulher branca (G.H.) e uma mulher negra (a empregada) não passava pelo mesmo crivo na luta por direitos político-sociais desde o advento do movimento sufragista até os dias atuais. Essas relações são sempre constituídas com base em níveis diferentes de reconhecimento com o outro, isto é, reconhece como igual aquele que tem a mesma cor, a mesma educação, a mesma nacionalidade, que vem da mesma classe social, etc.

#### 4. Hospitalidade ao estrangeiro/outro

Pensar essas relações partindo do ambiente doméstico (interno) possibilita pensá-las também em suas ramificações para o âmbito das relações internacionais (externo), como escreveu Boudou. Anteriormente, apontamos essas distinções que se fazem sentir na pele o medo do outro, ocasionando sua expulsão, e, seguindo o pensamento de Boudou, essas distinções tornam-se problemas políticos que, manifestamente, oprimem esse outro indesejável por meio de leis que o condenam a um estado eterno de forasteiro.

---

<sup>4</sup> "L'indistinction ancienne entre ennemi, hôte, et étranger, a certainement un fondement anthropologique largement partagé. L'altérité de l'étranger est une source d'inquiétude qui met en jeu l'identité de la communauté, comme cela a été dit au chapitre précédent" (Boudou, 2017, ebook kindle).

A ideia de hospitalidade pode ser abordada de diferentes perspectivas, a favor ou contra imigrantes, de uma perspectiva nacionalista e identitária ou de perspectivas humanistas e de “abertura” aos estrangeiros. Benjamin Boudou, ao descrever algumas das características inerentes a hospitalidade, faz notar que uma dessas características é o ato de dar a possibilidade ao outro de fazer seu lar dentro desse novo lugar:

Geralmente, a hospitalidade pode significar três coisas: o ato de generosamente receber estrangeiros (dando-lhes espaço, comida, tempo e ajuda sempre que necessário); um princípio de receptividade e benevolência; e, mais comumente, em debates públicos, levantar a voz contra hostilidade aos imigrantes. É uma prática (a prática de receber, hospedar e cuidar de estranhos em “casa”) e uma razão (estranhos deveriam ser bem vindos em nome da hospitalidade). Logo, ela tem um lado descritivo e normativo, conotações individuais-privadas (um lar receptivo) assim como um lado político e público (instituições pró-imigração). (Tradução própria).<sup>5</sup>

Essa lógica escapa à construção de G.H. como um indivíduo, que se encontra isolada do mundo da empregada, a qual não tem a liberdade de fazer seu próprio lar no espaço que é de G.H., pode tão somente habitar um espaço determinado. A falsa generosidade com a empregada é um dos aspectos que fazem a personagem permanecer em sua ignorância. Essa falsa generosidade máscara para o indivíduo as verdadeiras intenções e relações que ele vem por estabelecer, sejam raciais, de gênero ou classe, sendo assim, “fazer o bem” se torna o principal motivo para ajudar alguém, mesmo que os sentimentos para com este não sejam sinceros. Podemos pensar essa falsa generosidade a partir da noção de que o hóspede não deve abusar da hospitalidade que lhe é dada, no entanto, como podemos ver no caso de diversos refugiados, a linha que separa o hóspede de um “abuso” da hospitalidade pode ser

---

<sup>5</sup> “Hospitality can generally mean three things: the acts of generously welcoming foreigners (giving them space, food, time, help in general); an ethical principle of openness and benevolence; and, more commonly in public debates, a rallying cry against hostility towards migrants. It is a practice (the action of welcoming, hosting and caring for strangers at “home”) and a reason (strangers should be welcomed in the name of hospitality). It thus has a descriptive and a normative side, along with individual-private connotations (welcoming home) as well as political public ones (migrant-friendly institutions)” (Boudou, 2021, p. 88).

deveras tênue, considerando que essa linha é impossível de se determinar, tamanhas são as possíveis variáveis de hospedeiros e suas regras.

Os Estados Unidos, por exemplo, foi capaz de estabelecer, de forma bem sucedida, o mito do estrangeiro indesejado como um inimigo do sonho americano no país, aquele que é uma ameaça à estabilidade e segurança dos cidadãos estadunidenses. Assim, como aponta Hannah Arendt, a criação de um inimigo comum é necessária para que se justifiquem diversas abordagens contra o indesejado. Isso inclui, mas não se limita a, o uso da violência em nome da segurança. E como podemos observar, através do histórico problemático dos Estados Unidos quando se trata de questões raciais e de imigração, essa violência pode se tornar extrema.

Essa abordagem, se considerada como uma das partículas inerentes ao germe do totalitarismo, deve ser minuciosamente observada, pois, pode ser um sintoma importante quando pensamos o totalitarismo a luz das advertências de Arendt:

Se é verdade que podemos encontrar os elementos do totalitarismo se repassarmos a história e analisarmos as implicações políticas daquilo que geralmente chamamos de crise do nosso século, chegaremos a conclusão inelutável de que essa crise não é nenhuma ameaça de fora, nenhuma consequência de alguma política exterior agressiva da Alemanha ou da Rússia, e que não desaparecerá com a morte de Stalin, como não desapareceu com a queda da Alemanha nazista. Pode ser até que os verdadeiros do nosso tempo somente venham a assumir a sua forma autêntica traço embora não necessariamente a mais cruel traz quando o totalitarismo pertencer ao passado (Arendt, 2013, p. 612).

É preciso estar atento aos movimentos estabelecidos politicamente que visam segregar e criar medo de tudo e todos que são diferentes, pois é nesse momento que potenciais movimentos totalitários podem começar a tomar forma e suporte por parte da população.

No relacionamento entre G.H. e sua empregada, não existe reciprocidade. Não existe a reflexão necessária em G.H. que colocaria as necessidades da empregada em seu horizonte. A empregadora não pretende se “pôr no lugar” da empregada, o cidadão de uma nação politicamente estável, não pretende visitar o país do refugiado

de guerra. Sendo assim, ele não deseja manter uma relação com ele, pois não vai ganhar nada com isso. Decidindo-se a desejabilidade do outro com base naquilo que ele pode oferecer. Nessa relação, onde o poder de um pode exercer medo sobre o outro (perder o emprego, por exemplo) e assim, assegurar o princípio do hospedeiro como mestre, não sobra espaço de diálogo e discussão com a empregada, que pode ser apenas substituída.

A relação peculiar entre o hóspede e o anfitrião implica diversas regras que instituem uma situação de dominação: os hóspedes, mesmo honrados, não devem questionar as regras colocadas pelo anfitrião, este detém o poder de expulsar os convidados quando achar apropriado. Anfitriões são, por definição, os mestres da casa, qualquer que seja o significado preciso de "casa", assim, decidindo quem pode se beneficiar de sua hospitalidade (Tradução própria).<sup>6</sup>

A própria noção de casa também é questionada na obra de Lispector, pois essa não mais compartilha dos elementos que, comumente, constituem um lar: segurança, familiaridade, afetuosidade, etc. Por meio do *Unheimlich*, podemos inferir que também, o significado de casa ou lar, pode se transformar consoante os movimentos da alma e maquinações da psique. Logo, casa não é um conceito facilmente apreendido e seguro, mas uma função que pode ou não funcionar durante algum tempo. Berta Waldman, alerta a algo importante aos ditos e não ditos na obra de Clarice Lispector: que esses devem ser lidos e não-lidos, isto é, ler aquilo que não é dito. Ler nas entrelinhas, local do estranho. "Esse leitor precisará, então, procurar ler o não-dito no dito, o sem-forma na forma" (Waldman, 1998, p. 102).

Por fim, fazer essa leitura da obra de Clarice, buscando circunscrevê-la em uma interpretação daquilo que é escrito e daquilo que se encontra (e se perde) nas entrelinhas quanto a questão do estrangeiro, do hóspede e do outro, nos oferece a oportunidade de aprofundar questões que tornam a leitura do texto, de certo modo, uma leitura do mundo. E como escreve Waldman:

---

<sup>6</sup> "The peculiar relationship between a host and a guest implies many tacit rules that institute a situation of domination: the guests, while honoured, should not question the rules of the hosts who retain their power to chase the guests away whenever they see the hosts are, by definition, the masters of the house, whatever the precise meaning of "house," and solely decide who might benefit from their hospitality" (Boudou, 2021, p. 90).

A busca de inserção num lugar é própria as personagens e a autora, – "...pensando bem não há um verdadeiro lugar para se viver. Tudo é terra dos outros, onde os outros estão contentes", – passando essa busca de cidadania pela escritura. Ai, fragmentos de seus textos, em diálogo interno, endogâmico, migram incessantemente, criando, a cada nova posição, significações diferentes (Waldman, 1998, p. 97).

O autor Haruki Murakami, que em suas obras transita entre o realismo e a fantasia (ou fantástico), em uma entrevista para o jornal *The guardian*, declara que seus livros são particularmente populares em países que estão passando por momentos de crise, diz ele:

Eu era muito popular na Rússia durante os anos 90, naquela época eles estavam saindo da antiga União Soviética - havia muita confusão, e pessoas confusas gostam dos meus livros [...] Na Alemanha, quando o muro de Berlim foi derrubado, havia confusão, e as pessoas gostavam dos meus livros (Tradução própria).<sup>7</sup>

Esse elemento advindo da realidade é contrastado, em uma perspectiva psicanalítica (ou psicológica) com a construção de um ponto de encontro inconsciente em comum, entre o autor e o leitor. Quando questionado sobre os elementos surrealistas que surgem em suas obras, mais adiante na entrevista com Oliver Burkeman, ele responde:

Sabe, se é isso que vem a mim, talvez faça sentido - algo que veio das profundezas do subconsciente [que ressoa com] o leitor. Agora o leitor e eu compartilhamos de um lugar de encontro secreto nos subterrâneos, um lugar secreto no inconsciente. Neste lugar, talvez faça sentido que peixes caiam do céu. O que importa é o lugar de encontro, e não analisar o simbolismo ou algo do tipo, eu deixo isso para os intelectuais (Tradução própria).<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> "I was so popular in the 1990s in Russia, at the time they were changing from the Soviet Union – there was big confusion, and people in confusion like my books[...] In Germany, when the Berlin Wall fell down, there was confusion – and people liked my books" (*The guardian*, 2018, Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2018oct/11/murakami-interview-killing-commendatore>>).

<sup>8</sup> "And you know, if that's what comes to me, maybe there's something right about that – something from the deep subconscious [that resonates with] the reader. So now the reader and I have a secret meeting place underground, a secret place in the subconscious. And in that place, maybe it's absolutely right that fish should fall from the sky. It's the meeting place that matters, not analysing the symbolism or anything like that. I'll leave that to the intellectuals" (*The guardian*, 2018, Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2018oct/11/haruki-murakami-interview-killing>>).

Esse é um dos movimentos que a literatura pode realizar, um ponto de encontro com o outro, é através desse ponto que se pode questionar a realidade que vivemos, questionar-se os pré-conceitos e as verdades que trazemos como algo intransmutável. É trazer para o processo de leitura o outro, esse outro que não conhecemos mas que podemos convidar para um diálogo através da literatura.

O próprio Murakami não é um estranho quando o assunto é o *Unheimlich*, o estranho, como analisei em *A angústia na obra literária de Haruki Murakami: a partir de uma perspectiva filosófica e psicanalítica*, publicado em 2022. A relação entre a angústia e o *Unheimlich* é ainda mais presente durante o caos, quando a incerteza sobre a permanência do lar se torna uma ameaça tão próxima. E essa ameaça pode ser efeito, sobretudo, da falta de entendimento e compaixão para com o outro.

Uma interpretação da relação (ou melhor, da não-relação) de G.H. e sua empregada abre as portas para uma interpretação das próprias não-relações que constantemente se fazem entre o sujeito em um mundo cada vez mais conectado, no entanto, cada vez mais distante.

## 5. Considerações finais

Ao fim, em nossa discussão, buscamos dar relevo a questões que são cada vez mais presentes, não apenas no Brasil (retratado nas figuras de G.H. e sua empregada) como em todo o mundo. Essa relação flutuante com os imigrantes e a angústia nascente em ambos os lados é uma marca insolúvel de um mundo cada vez mais exigente por produção, mas que por outro lado tem medo de perder por completo a noção de "identidade", seja ela qual for.

Jeremy Davison e Ito Peng, em sua pesquisa acerca da relação dos japoneses com imigrantes (*Views on immigration in Japan: identities, interests, and pragmatic divergence*, 2021), notaram que as principais preocupações dos japoneses no que concerne o influxo de imigrantes gira em torno de duas principais questões: Questões materiais e questões de identidade.

Eles temem que o número de empregos possa ser "roubado" pelos imigrantes que vem para o país como mão de força barata, fazendo trabalhos que os japoneses normalmente não gostariam de fazer, por valores que eles não aceitariam. Quanto à

questão identitária, o principal medo é de que a cultura japonesa venha a se esfacelar frente ao número crescente da população advinda de outros países. Essa “cultura” ou “valores”, curiosamente abrangem, entre outros, o tópico da hospitalidade. Daí a noção de hospitalidade como algo inerente a uma sociedade e que pode ser perdida com a abertura ao outro, ao estrangeiro. Apontam os autores:

Quando perguntados sobre os valores que melhor descreveriam a cultura japonesa, muitos participantes fizeram referência a um ao outro dos seguintes tópicos: educação (reigi tadashii), consideração pelos outros (omoiyari), respeito às regras (ruuru wo mamoru), disciplina/seriedade (majimesa), gentileza (yasashisa) e hospitalidade (omotenashi). Para a maioria dos nossos participantes, naquele momento, a preocupação com a perda da cultura japonesa era sinônimo com a perda dos valores japoneses, dos quais os mais importantes foram os acima citados. (Tradução própria)<sup>9</sup>

Assim como apontamos anteriormente, em muitas instâncias, a hospitalidade é referida apenas aqueles que nos são iguais. Curiosamente, os mesmos entrevistados eram apoiadores de imigrantes que entravam no país como cuidadores, advindos sobretudo da Indonésia, Filipina e Vietnã. Isso não surpreende, dada a taxa cada vez maior de cidadãos acima da idade de 65 anos e a falta de japoneses dispostos a trabalhar como cuidadores, dando banho e trocando fraldas, por exemplo.

Enquanto isso, na África do Sul, temos grupos como o *Operation Dudula*, que através de violência e coerção buscam expulsar imigrantes (ditos ilegais) do país, muitos dos quais são de países como a Nigéria, o que vem por enfraquecer as relações entre os países. O grupo, caracteristicamente vigilante, culpa os imigrantes pela falta de empregos e aumento no tráfico de drogas. Esses fatores estimulam um sentimento anti-imigração com base no medo e na angústia, sobretudo da juventude sul-africana e famílias onde as drogas vieram por deixar marcas indeléveis (marcas que, assim como o *Unheimlich*, surgem para nos atormentar).

---

<sup>9</sup> “When asked about the specific values that best represent Japanese culture, many participants referenced some or all of the following six: politeness (reigi tadashii), consideration for others (omoiyari), respect for rules (ruuru wo mamoru), discipline/seriousness (majimesa), kindness (yasashisa), and hospitality (omotenashi). For the majority of our participants, then, a concern about the loss of Japanese culture was synonymous with a concern about the loss of Japanese values, the most important of which were the six cited above” (Davison; Peng, 2021, p. 2586).

Kudzayi Savious Tarisayi, em sua análise sobre as manifestações acerca do *Operation Dudula* na mídia (*Framing Operation Dudula and Anti-Immigrant Sentiment in South African Media Discourse*, 2024), escreve que, conclusivamente:

Baseado nas análises de matérias na mídia, esse estudo conclui que o Operation Dudula ressona com sul-africanos que estão desempregados ao canalizar suas frustrações nos imigrantes, que são então culpados pelas altas taxas de desemprego. Contudo, reportagens na mídia revelam contradições nas afirmações do Operation Dudula sobre os trabalhadores forasteiros, expondo as características populistas de algumas das suas demandas. Enquanto diferentes perspectivas sobre estrangeiros existem, certos enquadros na mídia podem promover uma identidade vigilante para o Operation Dudula quando dão ênfase, sobretudo, ao papel deles em combater o desemprego. (Tradução própria)<sup>10</sup>

Esses estudos são apenas a ponta do iceberg no que concerne aos sentimentos quanto à situação dos imigrantes em diversos países, a favor ou contra. Acreditamos que através da análise literária e psicanalítica que realizamos, pode-se abrir uma pequena porta de acesso a compreensão da necessidade do outro para que se forme uma identidade própria. Uma identidade que é, sobretudo, construída sob um solo de relações e trocas de cultura e significâncias.

Clarice Lispector enquanto mulher branca e enquanto estrangeira, através de seus textos, foi capaz de tocar tão poeticamente nessa veia. Da identidade e da necessidade do outro.

## Referências

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

---

<sup>10</sup> "Based on the analysis of the media articles, this study finds that Operation Dudula resonates with unemployed South Africans by channelling their frustrations at foreigners who are blamed for high unemployment. However, media reports reveal contradictions in Operation Dudula's claims about foreign workers and expose the populist nature of some of their demands. While differing perspectives on foreign nationals exist, certain framing in media reports may promote a vigilante identity for Operation Dudula by highlighting their role in tackling unemployment" (Tarisayi, 2024, p. 41).

BOUDOU Benjamin. **Politique de l'hospitalité: Une généalogie conceptuelle**. CNRS Editions: Paris, 2017.

BOUDOU, Benjamin. **Beyond the Welcoming Rhetoric: Hospitality as a Principle of Care for the Displaced**. *Essays in Philosophy*, v. 22, p. 85-101, 2021.

BURKEMAN, Oliver. **Haruki Murakami: 'You have to go through the darkness before you get to the light'**. *The Guardian*, 18 de out. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2018/oct/11/haruki-murakami-interview-killing-commendatore>. Acesso em: 03 de dez. 2023.

CEREIJIDO, Fanny Blanck. **O olhar sobre o estrangeiro: The gaze on the foreigner**. *Ide (São Paulo)*, São Paulo, v. 31, n. 47, p. 61-65, dez. 2008.

DAVISON, Jeremy; PENG, Ito. **Views on immigration in Japan: identities, interests, and pragmatic divergence**. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, p. 2578-2595, 2021.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade**. Tradução de Antonio Romane; revisão técnica de Paulo Ottoni - São Paulo: Escuta, 2003.

FREUD, Sigmund. **O Inquietante**. In: *Obras completas volume 14. História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

TARISAYI, Kudzayi Savious. **Framing Operation Dudula and Anti-Immigrant Sentiment in South African Media Discourse**. *Indonesian Journal of Education and Social Science*, v. 3, n. 1, p. 34-43, 2024.

VEIGA, Itamar Soares. **Hospitalidade e enraizamento existencial: as dificuldades filosóficas de um conceito**. *HOLOS*, v. 2, p. 1-18, 2020.

WALDMAN, Berta. **O estrangeiro em Clarice Lispector**. *Revista de Crítica Literária Latinoamericana*, n. 47, p. 95-104, 1998.

